

FICHA TÉCNICA

Director — MANUEL AMORIM
Coordenador — MANUEL LOPES
Propriedade — CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
Composição e Impressão — TIPOGRAFIA CAMÕES
Tiragem — 1000 EXEMPLARES
Edição — OUTUBRO 1989
Redacção/Distribuição — BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ROCHA PEIXOTO" DA PÓVOA DE VARZIM
4490 PÓVOA DE VARZIM

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR
MANUEL AMORIM

VOL. XXVI

1989

N.º 1

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores.

Toda a colaboração é solicitada.

O Boletim Cultural "Póvoa de Varzim" aceita permuta e/ou colaboração com outras publicações nacionais ou estrangeiras.

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL



Reprodução fotográfica do desenho da autoria do Escultor Salvador Barata Feyo
(Março de 1973)

FLÁVIO GONÇALVES, HISTORIADOR POVEIRO

por M. AMORIM

Ao evocar a figura prestigiosa de um conterrâneo, como homem de saber e de acendrado amor à sua terra, desejo fazê-lo dentro daquela área em que ele, entusiasticamente, se esforçou por me motivar: o da investigação da história local¹.

Data dos inícios de 68 uma carta sua que constitui uma espécie de pacto cultural, do qual resultou a minha colaboração, não tão assídua quanto desejava, mas a possível, dentro das múltiplas ocupações do meu estado. Havia cessado a nossa relação oficial, aliás intensa e responsável, em virtude da substituição do executivo camarário, e a outrem competia, agora, tratar da publicação do Boletim Cultural que o Dr. Flávio Gonçalves dirigia desde 1964. Na citada carta, escrevia peremptório "... se você e outros poveiros com possibilidades não se dispuserem ao estudo da história local (Póvoa e Concelho) de forma a trazer coisas novas ao Boletim Cultural o futuro deste será incerto; você, pelo menos, tem que ajudar pois considero-o corresponsável..." e, no seu jeito inconfundível, remata "... agora, os nossos encontros no Porto passam para o Arquivo Distrital"².

Parece-me oportuno, antes de tratar da presença de F.G. na historiografia local, fazer uma análise ao percurso temporal desta que, em-

¹ A minha colaboração no Boletim iniciou-se com a secção "Efemérides" subscrita com as maiúsculas P.A. e cobre os anos de 1964 a 1966. Nesse ano, ocorreu o centenário do nascimento do Dr. David Alves e a Câmara encarregou-me de fazer o elogio do homenageado junto ao seu monumento funerário. O director do Boletim pediu o texto, breve como a circunstância pedia, para ser publicado mas, passado alguns dias, devolveu-o com o pedido de lhe dar maior desenvolvimento e profundidade, como merecia a vultuosa figura do Dr. David Alves. Apelava para uma exaustiva investigação, coisa de todo impossível, nessa época, para mim, e o artigo nunca chegou a sair. Só em 1969 reatou a colaboração interrompida.

bora modesto, não deixa de apresentar aspectos interessantes. Atenda-se, porém, ao facto de não termos ainda uma bibliografia exaustiva sobre temática local³; no entanto, tal limitação pouco significa para a abordagem que pretendemos fazer.

A historiografia poveira, impressa, só é atendível, como tal, a partir da publicação, na cidade do Porto, em 1851, das MEMÓRIAS HISTÓRICAS DA VILLA DA PÓVOA DE VARZIM da autoria do Pe. José Joaquim Martins Gesteira. Conhecem-se duas tentativas, por parte da Câmara, para "... fazer patente à Nação a História desde a fundação desta Villa até ao seu estado presente..."⁴, tendo-se constituído comissões para o efeito. A primeira, de 1841, resultou da livre iniciativa da Câmara; a segunda, de 1847, de uma portaria do Governo. Nem uma nem outra frutificou, ficando em branco o livro destinado aos Anais do Concelho⁵. O nome do Pe. Gesteira não consta dos comissionados para a recolha; consta, sim, o de Frei Sebastião de S. Luis e outros clérigos da vila. Cita-se Frei Sebastião porque nas mãos deste religioso se encontravam numerosos manuscritos de fundamental importância para a história local, entre os quais se destaca a desenvolvida "Notícia da Villa da Póvoa de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758" pelo Tenente Veiga Leal, como resposta ao inquérito destinado ao Dicionário Geográfico do Pe. Luis Cardoso. Atendendo à amizade que ligava os dois clérigos; ao seu indesmentível bairrismo; ao envolvimento do frade no projecto camarário e à aptência do Pe. Gesteira para a escrita, somos tentados a concluir que Frei Sebastião confiou ao amigo todo o precioso espólio documental que possuía, com ânimo certo de que algo de novo surgiria. De facto, o Pe. Gesteira não poderia ordenar as "Memórias Históricas" sem ter à mão a "Notícia" de Veiga Leal, afirmando o Sr. Manuel Silva que aquelas mostram ser actualização desta⁶. Nem sempre Gesteira

leu correctamente Leal, mas à sua monografia teremos de atribuir o grande mérito de utilizar as fontes manuscritas de procedência local; estas, pela sua antiguidade, sofreram algum desgaste e passaram para a tradição oral eivadas de erro, dificultando a acção do cronista. Tome-se este promenor a crédito da boa fé de Gesteira, mas não ressalva a precariedade do valor histórico do seu trabalho. Mesmo assim, as "Memórias Históricas" apresentam a espinha dorsal do nosso evoluir histórico, reflectindo, na exposição, a marca do tempo em que foram escritas, privilegiando a crónica factual personalizada em indivíduos e instituições, em detrimento de uma análise integrada das causas e efeitos dos acontecimentos e da sua exacta medida temporal e humana. Sendo Gesteira um político atento aos problemas da sua terra, são dignos de atenção os últimos capítulos das "Memórias" onde, até, inclui um mapa da população da vila de 1720 a 1851. Reproduzidas várias vezes na imprensa local, a última em 1935-36⁷ exerceram um magistério digno de nota influenciando todas as publicações que versaram temas locais. Após a publicação da monografia do Pe. José Gesteira, surgiram algumas narrativas da vila da Póvoa de Varzim, insertas em revistas corográficas de grande tiragem. Logo em 1868 aparece no consagrado ARCHIVO PITORESCO uma descrição da Póvoa da autoria de Pedro Wenceslau de Brito Aranha que segue Gesteira, com muitas incorrecções na história antiga e um informador local⁸ para a história da época. É de inegável utilidade para o estudo das décadas de 1840-70, mas deve utilizar-se a última redacção do texto inserto nas Memórias Histórico-Estatísticas, publicadas em 1871. Obra de grande folgo é o PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, de Pinho Leal, que apareceu ao público em 1876 e contem uma desenvolvida "memória" da Póvoa de Varzim. O autor seguiu de perto Brito Aranha em muitas passagens, mas é notório o conhecimento dos factos contemporâneos através da imprensa local, existente a partir de 1870. Aproveita a narrativa de Ramalho Ortigão nas "Praias de Portugal" (1876), a propósito do isolamento da classe piscatória. O mesmo fez J. Augusto Vieira em O MINHO PITORESCO datado de 1887, onde se copiam extractos longos daquele escritor. Como nas anteriores, destaca-se a importância dada à vila como es-

⁷ Jorge Barbosa, *Emendas inéditas do Pe. José Joaquim Martins Gesteira às suas "Memórias Históricas da Villa da Póvoa de Varzim"* in Póvoa de Varzim, Bol. Cultural, Vol. V, nº 1, pág. 5

⁸ O informador de Brito Aranha foi o Sr. Manuel Luis Monteiro Junior que lhe forneceu muitas e curiosas achegas e ajudou a desfazer alguns erros que vinham do passado.

² Durante o tempo em que fui vereador, os encontros no Porto com o director do B.C. davam-se em sua casa, em dia e hora previamente ajustados.

³ Em 1962, o Prof. Fernando Barbosa propunha-se, por ocasião das festas de S. Pedro, organizar uma exposição sobre dois temas: bibliografia poveira e bibliografia de poveiros. Infelizmente, a exposição não se realizou e F. Barbosa deixaria este mundo alguns meses depois. Em 1968, o Sr. Viriato Barbosa publicou no Bol. Cultural uma "Bibliografia da Póvoa de Varzim e seu Concelho", onde relacionou umas dezenas de títulos mas com lacunas notórias e, hoje, desactualizada.

⁴ F. Barbosa, *Proémio* in Póvoa de Varzim-Boletim Cultural, Vol. I, nº 1, pág.7

⁵ Manuel Silva, *A história local* in A Voz da Póvoa, 29/4/38 e Póvoa de Varzim, Bol. Cultural, Vol. I, pág. 202.

⁶ Ver *Monografias Poveiras* in A Voz da Póvoa, 15/5 e 23/6/1938 e Póvoa de Varzim, Bol. Cultural, Vol. I, pág. 204.

tação banear e como praça de pescado, mas não se descuida a sua evolução urbana e os factos políticos de vulto. Pela primeira vez se dá notícia, embora sucinta, de cada uma das freguesias do Concelho.

Além das corografias, devemos citar alguns livros do dobrar do século que se referem à Póvoa desenvolvidamente, dando-nos belos documentários da terra e das gentes que, para além do seu valor literário, constituem elementos apreciáveis para a história da época. Destaque-se, entre outros, o livro *NO MINHO* de D. António da Costa e *JORNADAS DO MINHO* de D. João de Castro.

Por último, salientam-se dois estudos relacionados com a crise do fim do século que sobremaneira atingiu a classe piscatória, a mais numerosa da Vila: o celebrado *REQUERIMENTO DOS POVEIROS*, de Oliveira Martins (1882) e um relatório sobre *O ESTADO DAS PESCARIAS*, de Baldaque da Silva (1891)⁹; estes temas e outros de ordem económica encontram uma razoável cobertura no semanário *ESTRELLA POVOENSE*¹⁰, de indispensável consulta para o estudo da sociedade poveira.

A viragem do século prenuncia uma mudança na historiografia local, graças ao superior espírito de um poveiro grandemente preocupado com o verdadeiro conhecimento do povo português: Rocha Peixoto. A crise generalizada e endémica do país, que se perde em discussões porque os responsáveis ignoram as verdadeiras potencialidades da terra e do povo, desperta nos homens da ciência um inovador ânimo de se lançarem na busca do "substractum da nacionalidade", a fim de se conhecerem "os verdadeiros elementos da vida e do carácter nacional, a nossa razão de ser e da nossa história". Integrar a sua terra neste surto de renovação era um dos seus mais predilectos objectivos. Ele mesmo começou a recolher dados sobre a vida e o habitat do pescador poveiro, habilitando-o a contestar a falsa atribuição aos pescadores de Matosinhos de tradições e técnicas de pesca oriundas da comunidade poveira. Outros eventos, porém, iriam concitar o entusiasmo de Peixoto junto dos cientistas da Portugalia, revista de que foi redactor-chefe, os quais nos deixaram importantes estudos temáticos relacionados com o primitivo povoamento do nosso território e a génese do homem que nele se fixou. Igual apostolado exerceu entre os seus conterrâneos, como o Dr. David Alves, para as escavações arqueológi-

⁹ Estes documentos foram publicados na revista "Póvoa de Varzim", de João Landolt, 1912 e 1913.

¹⁰ Este periódico teve duas séries de publicação; de 1877 a 1911 e 1913 a 1919. Ver F. Barbosa, *Periódicos Poveiros* in *Póvoa de Varzim*, Bol. Cultural, Vol. II, pág. 308.

cas, e Santos Graça para as recolhas etnográficas, ou apenas residentes como Candido Landolt, também atraído pelo curioso linguajar do pescador. Entre 1900 e 1909, ano da sua morte, tanto a imprensa local como a regional apresentam inúmeros testemunhos da ligação do cientista à sua terra e, podemos afirmar, que a semente lançada para renovação da nossa historiografia não deixou de produzir os seus frutos¹¹.

SCHEMA D'HISTÓRIA LOCAL

Fontes modernas (científicas)	{	GEOLOGIA	{	Facies do terreno. Geomorphogenia local.	} Pre e proto-história
		ANTIROPOLOGIA	{	Anthropometria. Classificação das estirpes populacionaes.	
		ARCHEOLOGIA	{	Vestigios dos primeiros utensilio: silix, ossos, barro, metaes, etc. Restos das primeiras edificações, instrumentos industriaes, moedas, etc.	
	{	ETHNOGRAPHIA & NOMOLOGIA	{	Usos, costumes e direitos. Formulas contractuaes e regimens economicos. Legislação municipal e seu paralelo com a nacional. Poderes publicos e divisões territoriaes. Estatisticas.	} História
		PHILOLOGIA	{	Filiação e afinidade de vocabulos. Terminologia e phonética regionaes.	
Fontes classicas (literarias e artísticas)	{	LITTERATURA	{	Legendas e tradições. Memorias, noticias, chronicas e tratados d'história geral e especial.	} História
		DIPLOMATICA	{	Documentos, tombo e registos d'archivos publicos e particulares.	
		ARTE	{	Monumentos architectonicos, esculptura, pintura, gravura e similares. Lapides epigraphicas. Armoriaes.	

¹¹ Sobre Rocha Peixoto e a Póvoa, ver o trabalho de Flávio Gonçalves *Rocha Peixoto, nas vésperas do centenário do seu nascimento* in *Póvoa de Varzim*, Bol. Cultural Vol. IV, n.º 2 pág. 297.

Em 1913, aparece na Revista de História, dirigida por Fidelino de Figueiredo, um artigo intitulado "SCHEMA D'HISTÓRIA LOCAL" onde o autor teoriza, com uma série de conceitos, o que deve ser a nova construção da história e, descendo da teoria à prática, apresenta as bases em que deve assentar a investigação da história local como ciência subsidiária. Aí se diz "Seria muito para desejar que as monographias locais se revestissem de toda as características d'um estudo pleno, na medida do possível, sobre o solo, o habitante, a família e a tribu, sobre as instiuições sociais e jurídicas, antes de se entrar nas origens históricas e na vida cívica, para, formando conjunto, habilitarem o historiador à análise dos acontecimentos e à fixação, pela crítica indispensável a estes trabalhos, das leis que regem os acontecimentos, que longe de serem obras do acaso, dependem do meio, espaço e tempo, como os mais comeseinhos phenómenos da matéria, da energia e da vida"¹². Sabem quem é o homem que se apresenta, em tão eminente areópago, a pregar tais novidades? É o poveiro Manuel Silva, um auto-didacta, escrivão-notário, homem dotado de um enorme senso e de uma vocação segura para a investigação histórica. Com ele, a historiografia ensaia novos rumos e ousa desbravar terrenos até aí impenetráveis. Com a publicação, na Portugália, dos trabalhos do Dr. Alberto Sampaio: "As Villas do Norte de Portugal" (1899-1903) e "As Póvoas Marítimas" (1905-1908) divulgou-se, pela primeira vez, alguma documentação medieval referente ao nosso território¹³. O Sr. Manuel Silva foi-lhe no encaicho, estudou-a à luz das melhores fontes da época, deixando-nos dois trabalhos exemplares que qualquer especialista não duvidaria em subscrever: "VARAZIM DE JUSAÃO NAS FÓRMULAS MUNICI-PAIS D'HERCULANO" (Rev. de História-1915) e "A EVOLUÇÃO D'UM MUNICÍPIO" (Rev. de História-1917-22). Deste último, uma parte ficou inédita e foi inserta por F. Barbosa no 1º volume do Boletim Cultural (1958). Antes de colaborar na revista de F. de Figueiredo, já a

¹² Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, "Revista de História", 1913, Vol. II, pág. 183.

¹³ Alberto Sampaio em certo passo das "Póvoas Marítimas", ao referir-se à Póvoa de Varzim e à carta de foro dada pelo rei D. Dinis, anota: (2) *o foral e a Inquirição de Afonso IV não transcritos no fim. A composição foi revista na Torre do Tombo*. Ignoramos por que artes deixou a redacção os documentos na gaveta, pois não aparecem na revista, como estava prometido. Possivelmente no intuito de remediar a omissão, Rocha Peixoto editou, em 1907, um opúsculo intitulado "A Bajlya da Póvoa Noua de Varazim" por Alberto Sampaio, que contem, ligeiramente alterado, um excerto de "As Póvoas Marítimas" onde se refere à Póvoa de Varzim e a transcrição da Carta de foro do Reguengo de Varzim de Jusaão e a Inquirição de D. Afonso IV.

Póvoa o conhecia através dos escritos históricos saídos na revista quinzenal "Póvoa de Varzim" (1911-1917), outro marco significativo da nossa historiografia como fonte de informação ilustrada e de apreciável valor literário, onde M. Silva habitualmente redigia notas sobre a história local e deixou alguns estudos de real interesse. Até 1940, o nome de M. Silva dominou esta área cultural e pena é que muitos dos seus escritos continuem dispersos pela imprensa local e de difícil acesso aos estudiosos. Nessa quarentena de anos outros nomes surgiram a versar a história local, desde os jovens formandos, desenvolvendo aspectos ligados aos currículos escolares, como Belarmino Pereira em "A PÓVOA DE VARZIM, COMO ESTAÇÃO BALNEAR MARÍTIMA" (1906), José Gonçalves Martinho em "O CONCELHO DA PÓVOA DE VARZIM SOB O PONTO DE VISTA AGRÍCOLA" (1920), passando pelas recolhas antropológicas e etno-sociológicas de C. Landolt em "O FOLK-LORE VARZINO" (1915) e, sobretudo, de A. Santos Graça em "O POVEIRO" (1932)¹⁴, até às divagações jornalísticas, ardentes mas pouco esclarecidas, do Sr. Baptista de Lima que escreveu para a sua corografia "Terras Portuguesas" uma extensa narrativa sobre a Póvoa de Varzim em que transcreve, com bom proveito, as mais importantes informações até aí publicadas e as comenta segundo a sua interpretação pessoal. Como exemplo da sua frivolidade perante a força da documentação e da tradição local, está a campanha violenta que desencadeou para levar a Câmara a usar um novo brasão, conforme o parecer aprovado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses e que vigorou, oficialmente, entre 1939 e 1958¹⁵.

Contemporâneo de B. de Lima é o Sr. Viriato Barbosa, autor da 2ª monografia poveira, a qual apareceu em público em 1937 e se intitula "A PÓVOA DE VARZIM - ensaio da história desta vila". Mais criterioso que o anterior, procurou seguir as fontes tradicionais, sobretudo

¹⁴ As primeiras recolhas de Santos Graça sobre a vida da comunidade piscatória poveira datam de 1912 "O Janeiro" sobre a safra da sardinha, e de 1913 "Notas sobre o poveiro-O Casamento".

¹⁵ Outro exemplo da redundância jornalística e inconsequente de B. de Lima é um seu trabalho de 1920 sobre a etimologia da palavra — *Varzim*. Começa por desancar Gesteira e a sua leitura: Várzea, Varzinha, Varzim; depois cita abundantemente José Fortes e as suas conclusões sobre a localização da mediévia Villa Euracini ou uerazini no alto de Martim Vaz apontando, e muito bem, o antropónimo Veracini, como forma originária de Varzim, embora não explique a evolução fonética e morfológica do étimo. Por fim e para dar cobertura às suas teorias de povoamento, conclue que a Varzinha se situava na Vila Velha e Varazim, depois de destruída a vila situada no alto Martim Vaz, passou a situar-se em Argivai.

Gesteira, aproveitando os estudos arqueológicos de Fortes e Brenha para deduções históricas pertinentes. Pena foi que esquecesse tanto M. Silva para nos dar uma mais cuidada narrativa sobre os primórdios do nosso viver colectivo. De resto, o autor não fez uma investigação sistemática embarcando, facilmente, nas propostas da historiografia tradicional, o que obrigou Fernando Barbosa a vir à imprensa corrigir um sem número de erros demasiado velhos para serem repetidos. Senhor de uma poderosa memória, encontrou aí recurso para escrever, na dita monografia, alguns lances curiosos da vida pública e particular durante o passado século. Não seria esta a forma de fazer a história local dentro do esquema preconizado por M. Silva; todavia, é mais fácil ler Viriato que percorrer folha a folha a imprensa da época.

Como ficou dito, a monografia de Viriato obrigou um jovem professor poveiro de nome Fernando Barbosa, que a si se intitulou “um amigo de velharias” quando aí, por 1935, aparece a escrever no “Comércio da Póvoa”¹⁶, a publicar uma série de 13 artigos sob a epígrafe CORRECÇÕES E ANOTAÇÕES À HISTÓRIA LOCAL (1940-41)¹⁷ onde se afirma como profundo conhecedor da problemática que envolve a historiografia local. Com ele volta-se à investigação documental e à recolha, no meio, das tradições e lendas que ornamentam o viver dos povos. Derrubou mitos, desfez preconceitos, joiou muito documento, esclareceu dúvidas e defendeu com alta dignidade a verdade histórica. Incansável recolector de dados, extraídos dos arquivos particulares e públicos, deixou um espólio monumental onde abunda a documentação inédita que a sua morte prematura não permitiu divulgar senão em pequena parte. Deste material se tem servido o seu irmão Jorge Barbosa para os trabalhos que vem publicando com inegável mérito¹⁸. Em 1955 entrou F. B. para o executivo camarário, com competência nas áreas do turismo e da cultura, e logo desenvolveu esforços no sentido de cativar o interesse da edilidade para o disposto no artº 48, nº 5 do Código Administrativo que dava competência às Câmaras para

¹⁶ A bibliografia de F. Barbosa foi publicada por seu irmão Jorge em “Póvoa de Varzim”, Bol. Cultural, Vol. XVII, 1978, pág. 153.

¹⁷ Esta série de artigos saiu no semanário poveiro “Idea Nova” de 27 de Abril de 1940 a 15 de Fevereiro de 1941, o que revela bem o cuidado posto pelo autor na sua elaboração.

¹⁸ Destaque-se a obra *Toponímia da Póvoa de Varzim*, em quatro volumes, magnífico repositório de informações sobre pessoas, instituições, espaços públicos, edifícios religiosos, etc. A *Toponímia* começou a ser publicada no Boletim Cultural em 1967, Vol. VI, nº 2, pág. 161 e ficou concluída no ano de 1980, Vol. XIX, nº 1, pág. 35.

“... publicar documentos inéditos que interessassem à história do município e de anais ou boletins destinados à divulgação dos factos notáveis da vida passada e presente do Concelho”. Foi assim que apareceu, em seguimento do deliberado na sessão de 21 de Março de 1958, o BOLETIM CULTURAL — PÓVOA DE VARZIM, que abre uma nova época à historiografia local¹⁹. Fernando Barbosa, seu primeiro director, traçou-lhe os objectivos na proposta apresentada à Câmara: “... servir de arquivo a todos os elementos de interesse à Póvoa de Varzim e seu termo, tais como documentos, estudos inéditos, trabalhos dispersos ou pouco conhecidos, trechos curiosos, notas explicativas, notícias de acontecimentos memoráveis, conferências, crónicas e gravuras”. Infelizmente, a doença começou cedo a minar o arcaboço deste incansável trabalhador que não pôde tirar mais de quatro números, em dois volumes (1958-1959) do seu sonhado Boletim; o suficiente para nos dar a verdadeira dimensão do seu saber e da sua probidade científica, colocando-o ao lado dos melhores na “galeria dos que se têm consagrado ao estudo da história da Póvoa de Varzim”²⁰ na expressão de Flávio Gonçalves, seu sucessor na direcção da revista.

Dois anos após a morte (1962) de F. Barbosa, volta a publicar-se o Boletim Cultural, que vai no XXV volume, sem dúvida o maior e o melhor arquivo existente sobre a história local²¹. O êxito desta monumental obra deve-se, na melhor parte, ao seu ilustre director e excede a minha limitada competência dar toda a dimensão ao mérito do seu trabalho. Tentarei, apenas, examinar a obra de Flávio Gonçalves no quadro da nossa historiografia que, como vimos, realizou já um percurso vário e longo.

Despertou muito cedo o interesse de Flávio Gonçalves pelos assuntos ligados à sua terra, apreciando os diálogos críticos da tertúlia que, à tardinha, estanciava na farmácia do tio Avelino²², e pelos temas da

¹⁹ O aparecimento do Boletim Cultural foi saudado por Flávio Gonçalves no Diário Ilustrado, Lisboa, 21-9-58.

²⁰ Fernando Barbosa, *historiador poveiro* in Póvoa de Varzim, Bol. Cultural, Vol. III pág. 7.

²¹ Sobre a importância do Boletim Cultural como fonte de informação para a história local, ver o “Prefácio” do Dr. Flávio Gonçalves, seu director, ao volume XXI-II (1984), depois de 20 anos de publicação ininterrupta.

²² Avelino da Costa Faria, proprietário da farmácia “Faria” na Praça do Almada nº 37 e, hoje, instalada no prédio contíguo, nº 38, onde era a Livraria Povoense. Faleceu em 1963, mas a farmácia continua na família.

história da arte, percorrendo com o Eugénio Lapa Carneiro²³, conterrâneo e companheiro do Liceu, os monumentos de Vila do Conde, Rates, Rio Mau, etc. Andava o nosso moço pelos 14 ou 15 anos e, por essa época, prendeu-lhe muito a atenção a polémica entre F. Barbosa e B. de Lima sobre o topónimo “Navais-Nabais”²⁴ bem como a documentação relativa à naturalidade de Eça de Queiroz, extraída de um opúsculo saído em 1906, e recitada²⁵ por ocasião da comemoração do 1º centenário do seu nascimento (1945), que a Póvoa celebrou com actos cívicos e culturais, nos quais participou com redobrado orgulho, quer por se sentir conterrâneo do maior romancista português, quer como estudante de um estabelecimento de ensino que o tinha como patrono, quer ainda pela sua natural propensão para as letras e artes²⁶.

No volumoso²⁷ espólio biobibliográfico que legou à Biblioteca Municipal, logo nas primeiras caixas, encontra-se uma série de cadernos e sebatas, manuscritos entre 1944-45, elucidativa do desabrochar da sua grande paixão pela história da arte. A partir do estudo de Aguiar Barreiros “A Catedral de Santa Maria de Braga” (1922)²⁸ que transcreveu de um exemplar existente na biblioteca do Liceu, intentou elaborar um dicionário de termos técnicos de arquitectura, escultura e outras artes do período clássico, muitos deles acompanhados de desenhos a tinta nanquim, conforme os modelos do dicionário da Lello Universal. Talvez no intuito de experimentar os conhecimentos adquiridos, escre-

²³ O Dr. Eugénio da Lapa Carneiro é um reputado etnólogo com obra realizada e conhecida em todo o país e no estrangeiro. Fundou e dirige o Museu de Cerâmica Regional de Barcelos trabalhando, actualmente, ao serviço do Departamento de Etnologia do Instituto Português do Património Cultural.

²⁴ F. Barbosa defendia a grafia “Nabais” e B. de Lima a forma oficial “Navais”. O primeiro justificou a sua opção em 5 artigos publicados no “Comércio da Póvoa” em 10/7; 7 e 14/8; 9 e 23/10/1943; B. de Lima defendeu a sua tese no mesmo jornal e não na “Ideia Nova” como por lapso refere F.G. in “Recordações...” em artigos de 24/7; 28/8 e 25/9/1943.

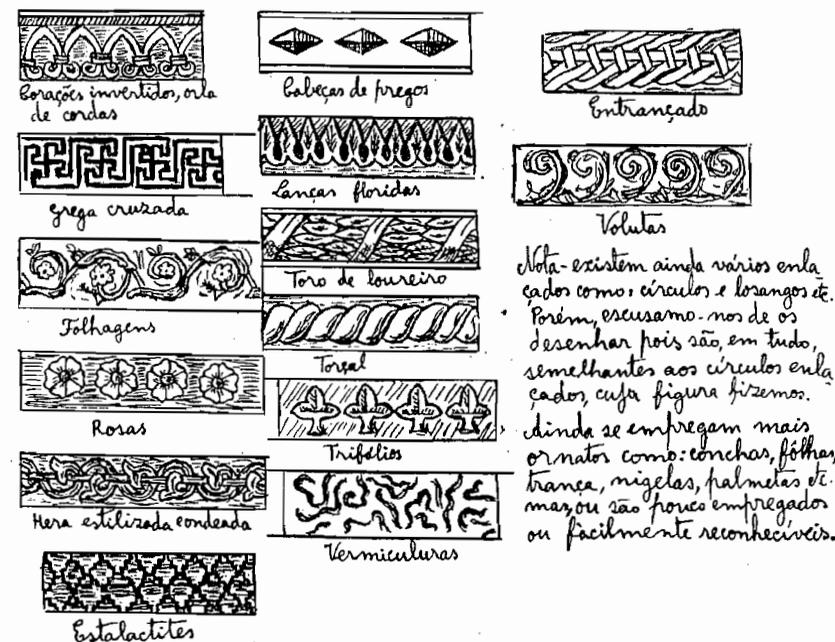
²⁵ O semanário “Comércio da Póvoa de Varzim” publicou um número especial, em 25 de Novembro de 1945, dedicado às comemorações, onde se reproduziram os documentos editados em 1906 por iniciativa de Rocha Peixoto.

²⁶ Os elementos biográficos que, no decorrer deste trabalho, se apresentam, foram recolhidos do artigo de F.G. *Recordações a propósito dos 75 anos de O Comércio da Póvoa de Varzim*, in Póvoa de Varzim, Bol. Cult.; Vol. XVII, 1978, pág. 6 a 32.

²⁷ Por expressa vontade do Dr. Flávio Gonçalves, a família entregou à Biblioteca da Póvoa de Varzim vinte e quatro caixas de arquivo com dados bio-bibliográficos indispensáveis para o estudo da sua densa personalidade.

²⁸ Este estudo despertou uma acesa polémica com o Dr. Alberto Feio, director da Biblioteca Pública de Braga.

veu o “Relatório duma visita à Igreja de Rates” em 19-9-1945, onde se nota a preocupação da correcta leitura dos elementos arquitectónicos, conforme a terminologia científica.



Alguns modelos de “ORNATOS” usados na arquitectura clássica e desenhados a tinta de nanquim para um dicionário de termos técnicos, para uso pessoal

Quanto aos seus conhecimentos sobre história local, não restam dúvidas que eles cresceram e se aprofundaram continuamente, ora solicitados pela intervenção, na imprensa local, dos estudiosos da matéria; ora em directo contacto com a historiografia moderna, sobretudo Viriato Barbosa, de recente publicação²⁹ e presença quase obrigatória entre as famílias ilustradas da terra. Seria mesmo aí que ele se certificou do erro de Magalhães Basto, quanto à passagem ou não na

²⁹ A 1ª edição da monografia “A Póvoa de Varzim” é de 1937 mas a Livraria Machado, do Porto, depositária da obra, reimprimiu-a em 1941 sendo esta a mais divulgada; a 2ª edição saiu em 1972.

Póvoa de Varzim do rei da Sardenha Carlos Alberto de Saboia³⁰, a caminho do seu exílio na cidade do Porto. Decidiu-se então a corrigi-lo em carta dirigida ao autor, através do jornal "O Primeiro de Janeiro" onde se publicara o artigo, o qual depois rectificara com a inserção da carta³¹ do jovem estudante poveiro, que os homens de letras da terra desconheciam³².

O ano de 1947 marca a entrada de F. G. nas lides jornalísticas e no convívio de homens cultos do Porto³³, cidade onde, agora, estudava como aluno do 7º ano do liceu Rodrigues de Freitas. É interessante a evocação que mais tarde fez sobre a publicação do primeiro artigo, enviado pelo correio à redacção do semanário "O Comércio da Póvoa", o qual se intitulava "Recordações poveiras na capela de Nª Sª da Bonança de Fão" (15-2-47)³⁴ e onde, como diz, associou as suas memórias de Fão às referências de Santos Graça no "Poveiro". Cuidadosamente redigido e de uma simplicidade linear na narrativa, rico de erudição e elegante na forma, surpreende a redacção do jornal e ninguém daria ser, aquele escrito, de um neófito. Automaticamente se abriram as portas do jornal que, nesse ano, lhe publicou mais os seguintes estudos:

— *Os túmulos de S. Pedro de Rates* (1, 8, 15 e 29 de Março)

— *O Homem Pré-histórico no Concelho da Póvoa de Varzim* (12 e 19 de Abril)

— *Pedras d'Armas da Póvoa de Varzim*. (31/Maio; 7, 14 e 28/Junho; 12 e 26/Julho)

— *Antiguidades pré-históricas e romanas do Museu Municipal da Póvoa de Varzim*. (13 e 27/Set.; 4 de Out.)

— *O escudo d'armas dos barões da Póvoa de Varzim*. (25 de Out.)

— *Um templo poveiroense desaparecido*. (22 e 29/Nov.; 6/Dez.; 6, 13 e 31/Jan. 1948)

³⁰ Viriato Barbosa, "A Póvoa de Varzim", 1941, pág. 225.

³¹ A carta assinada por F.G. foi reproduzida no artigo do Dr. Magalhães Basto, na secção "Falamos velhos manuscritos", em 14 de Junho de 1946.

³² B. de Lima informou o Dr. Magalhães Basto que o nome de F.G. correspondia a um pseudónimo, não se conhecendo na terra pessoa com tal nome. Quando semelhante equívoco aparece no "Primeiro de Janeiro", o jovem F.G. de 16 anos, munido do bilhete de identidade, correu a casa de B. de Lima para lhe demonstrar a sua existência real.

³³ Magalhães Basto, Pires de Lima, Armando de Matos, Bertino Daciano, Eugénio Andrea da Cunha e Freitas, Alberto Meira, etc. Nos anos cinquenta chegou a fazer parte de uma tertúlia de intelectuais, denominada "Tertúlia das Cinco e Meia", onde pontificava o Dr. Alfredo de Magalhães.

³⁴ Este artigo foi reproduzido pelo jornal "O Cávado", de Esposende, em 23/2/47 e pelo "O Fangueiro", de Fão, em 1985. No seu espólio encontra-se, também, um trabalho manuscrito intitulado "A capela dos mareantes em Esposende", que julgo inédito.

Além do citado semanário editava-se, na Póvoa, outro jornal de nome "Idea Nova", órgão político do regime então vigente. Tinha uma clientela reduzida, de feição conservadora, dispersa pelo concelho mais que pela vila, sendo que nesta era maior o impacto entre os leitores pela diversidade de opiniões que um e outro jornal veiculava. Ignoro se foi a pedido de algum amigo ou por seu livre alvedrio que F. G. apareceu, nas férias daquele ano, nas colunas da "Idea Nova" versando, igualmente, temas de história local. Ei-los:

— *O Pelourinho da Póvoa de Varzim* (13 de Set.)

— *A antiga forca da Póvoa de Varzim* (4 de Out.)

— *Ainda a forca da Póvoa de Varzim* (13 de Dez.)

— *A Igreja Matriz da Póvoa de Varzim — notas históricas, arqueológicas e artísticas* (27 de Dez. e 7 de Fev. de 48)

Nem só a história da sua terra ocupou, nesse ano particularmente fértil, o nóvel universitário de Coimbra, pois os temas ligados às tradições populares e um certo pendor, já desperto, pela iconografia religiosa, levaram-no às páginas da revista "O Tripeiro"³⁵ de Magalhães Basto e ao Boletim "Douro Litoral"³⁶ do Dr. Augusto Pires de Lima, notável etnógrafo.

Na Póvoa de Varzim alargara-se o círculo da sua convivência cultural pela amizade que fizera com Fernando Barbosa e, por intermédio deste, com Santos Graça. Sobretudo com o primeiro, desenvolve-se um diálogo sério sobre questões históricas e etnográficas respeitantes à Póvoa; trocam-se informações bibliográficas e planeiam-se passeios culturais de comboio e a pé, através dos concelhos da Póvoa e Vila do Conde³⁷. Em 1948, a história local ainda mantém uma razoável presença nos seus escritos, quer em revistas quer nos jornais da terra, mas, daí até 1950, ela vai-se, lentamente, diluindo. Vamos relacionar os respectivos títulos para nos habilitarmos a uma apreciação conjunta desta primeira fase de F. G. como historiador da Póvoa de Varzim.

No "Comércio da Póvoa de Varzim":

— *O poveiroense José Ribeiro Galvão, valente militar e artista de mérito*. (20 de Março e 3 de Abril de 1948)

³⁵ O primeiro trabalho publicado nesta revista intitulava-se *S. Pantaleão. Documentos portuenses para o estudo da sua iconografia*, V série, Ano III, 1947, n.º 3, Julho.

³⁶ Iniciou a colaboração neste Boletim em 1947, com *Cantigas populares de Macieira de Rates*.

³⁷ Uma fotografia da época mostra-nos um grupo em passeio: F. Barbosa, Isaías Gomes dos Santos, Flávio Gonçalves, José Martins Lima, Jacinto Magalhães (pai) e Alberto Eiras.

— *Epigrafia do Concelho da Póvoa de Varzim* (24 de Abril, 8 e 15 de Maio)

— *Romão Júnior e o Monumento ao "Cego do Maio"* na Póvoa de Varzim (7 de Agosto; 4 e 25 de Set.; 9, 16 e 23 de Out.)

Na "Idea Nova":

— *Povoenses que estudaram ou ensinaram em Coimbra no século XVIII* (5-6-48)

No Boletim "Douro Litoral" (Porto):

— *O altar das caveirinhas da antiga igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim* (3 a Série, vol. II, 1948)

— *Da Forca da Póvoa de Varzim, da "Rua dos Fiéis de Deus" e do mais que adiante se verá* (4 a série, I-II, 1950)

Na Revista "Brotéria" (Lisboa):

— *Artistas estrangeiros em Portugal. Reinaldo Oudinot na Póvoa de Varzim* (Vol. XLVII, fasc. 6, 1948)

Na "Revista de Guimarães":

— *Inscrições romanas de Beiriz* (Vol. LXI, 1949)

No jornal "Diário do Norte" (Porto):

— *Os pescadores poveiros na África. As "Companhas" de Lourenço Marques* (10 de Maio de 1950)

— *Os pescadores poveiros na África. Pelos mares de Angola* (11/5/50)

Apreciando mais tarde esta primeira incursão pelos meandros da história local, classifica os seus escritos de "pretenciosos e maculados de erros, redigidos num estilo rebuscado, ingenuamente eruditos"³⁸ mas esta severidade de julgamento apenas nos esclarece sobre a exigência que punha nos seus escritos e confirma a verdade do consagrado aforisma: — Ninguém é bom juiz em causa própria. Parece-me que ele somente quer englobar na sua apreciação os estudos publicados em 1947-48, alguns dos quais retomaria para lhes dar nova feição, corrigir imprecisões, enriquecer com elementos novos, etc. É evidente reconhecer-se alguma imaturidade, sobretudo, em matérias de difícil penetração onde, muitas vezes, há que arriscar hipóteses, mesmo correndo em via paralela com o erro. Repare-se, por exemplo, no tratamento epigráfico das aras votivas de Beiriz, de enredosa leitura; por quatro vezes se debruçou sobre o significado das inscrições e, parte da segunda ficou, assim mesmo, por interpretar. No entanto, revela perfeitos conhecimentos de epigrafia e uma invulgar riqueza de infor-

³⁸ Ver a nota 26.

mações arqueológicas e históricas, já demonstrados quando do inventário oportuno feito, no museu da Póvoa de Varzim, ao material, assás escasso, da pré-história e do período da romanização³⁹. O mesmo se diga de heráldica, embora os recortes do jornal "O Comércio da Póvoa" com o estudo sobre "As pedras d'armas da Póvoa de Varzim", existentes no seu arquivo biográfico, contenham importantes acréscimos posteriores, extraídos do livro "A Velha Póvoa de Varzim" (1935) de M. Silva, não citado no estudo, bem como significativos cortes; tudo referente a novos elementos genealógicos dos troncos armoriados⁴⁰.

Trabalho menor, se assim o podemos chamar, elegantemente escrito mas de reduzido valor científico, será o dedicado aos "Túmulos de S. Pedro de Rates". Engenhosamente, procura no desdobrar das lendas ratenses, recolhidas por Pinho Leal, as piedosas jazidas do suposto 1º bispo de Braga, inclusivé a duvidosa arca nova mandada fazer pela rainha D^a Mafalda⁴¹ acerca da qual desenvolve eruditas considerações. O mesmo fez com as duas estátuas mediélicas que, outrora, flanqueavam o arco de comunicação da nave colateral sul com o transepto. Este tema seria retomado em "Notas sobre a Igreja românica de S. Pedro de Rates" (O Tripeiro, 5.ª série, 1959), trabalho revelador de outra maturidade e exaustivamente documentado, como é seu timbre. Nesta mesma revista reproduziu dois temas de 1948, ligados à história da arte; o primeiro, destinado a divulgar a figura do escultor Romão Junior, autor do monumento ao Cego do Maio, na época um "ex-libris" da nossa terra, hoje, desgraçadamente apoucado e perdido nas sombras da imensa mole de cimento que lhe serve de pano de fundo; o segundo, datado de 1965, apresenta o pintor-dourador José da Mota Manso, contratante da obra do douramento dos retábulos da Igreja Matriz cuja construção merecera, no ano anterior, um estudo publicado na revista "Museu"⁴². Repare-se que já no primeiro artigo do "Comércio da Póvoa" sobre aquele templo, ele se detém, desenvolvidamente, em outro artista, o escultor João d'Afonseca Lapa e as imagens de S. João Baptista e N^a S^a do Carmo saída do seu escopro. Neste apaixonado olhar para a

³⁹ As referências bibliográficas apresentadas no decorrer destes trabalhos denotam invulgares conhecimentos em um estudante do Liceu.

⁴⁰ A heráldica de família foi estudada por Vaz-Osório da Nóbrega em *Pedras de Armas do Concelho da Póvoa de Varzim* Vol. II, 1959, pág. 355 de "Póvoa de Varzim", Bol. Cultural.

⁴¹ A. de Jesus da Costa, *A Ordem de Cluny em Portugal* in "Cenáculo" Ano III, Fasc. IV, n.º 12, pág. 199.

⁴² *Os Retábulos de talha da Igreja Matriz da Póvoa de Varzim* in revista Museu, Porto, segunda série, n.º 8, 1964.

arte e os artistas, se vislumbra o desabrochar de uma vocação que marcaria a sua vida e a sua prematura morte.

Outra referência inevitável ao seu labor intelectual, situa-se no âmbito da investigação etnográfica, à qual dedicou um interesse notório desde o início, ou seja, desde o tempo de estudante liceal. Escolheu, então, uma revista da especialidade para nela vazar as suas recolhas folclóricas e ergológicas. Data de 1947 a primeira colaboração no Boletim "Douro Litoral", com um apanhado de "Cantigas populares de Macieira de Rates" que, no ano seguinte, complementou e acrescentou com notas e variantes de grande humorismo. Fixemo-nos naquilo que respeita à nossa terra, onde abundam tradições religiosas e profanas, a merecerem registo e cuidada análise. Uma das mais curiosas e ainda muito em voga nos meados do século passado, levou-o a escrever na citada revista "O altar das caveirinhas da antiga igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim", do qual existia uma fotografia no Museu Municipal e que, hoje, uma modesta edícula adossada à sacristia da Matriz tenta recordar. Vendo ali um culto material: "o culto da caveira" expurgado pela Igreja, incluiu-o no domínio do folclore, por testemunhar as reminiscências do culto pagão dos antepassados. Parece-me outra a gênese⁴³ da macabra exposição, mas isso não retira valor à pormenorizada descrição do retábulo desaparecido, semelhante a outros existentes por esse país fora. Nenhuma das caveirinhas pertenceria a qualquer sentenciado no campo da Forca da Póvoa, nem a isso teria direito, mas o execrável patíbulo despertou a atenção de F. G., começando por dar a conhecer aos conterrâneos a sua existência, a qual seria ocasional e não permanente, bastando ser usado uma vez para se fixar na toponímia. Até hoje não foi possível documentar qualquer execução daquela natureza. Mas ela deve ter existido e a relação dos possíveis justicados com o topónimo "Fiéis de Deus" feita no estudo "Da Forca da Póvoa de Varzim, da rua dos Fiéis de Deus, e do mais que adiante se verá..." "é pertinente, e não tem cabimento ligar o antigo cruzeiro do largo onde

⁴³ O culto dos mortos está ligado ao seu destino eterno que, entre os cristãos, tem uma compreensão diferente da das religiões pagãs, embora se note um grande sincretismo na simbologia aplicada. A caveira entra frequentemente na iconografia dos santos e é um dos símbolos mais comuns para assinalar a morada terrena dos mortos, ou seja, o Cemitério, onde os ossos falam da brevidade da vida e da caducidade dos bens temporais. Ordinariamente, os despojos ósseos são apresentados sob o anonimato, mas no altar das caveirinhas da Póvoa, os cacifos que guardam a caveira apresentam-se nominados e datados, não para se lhes prestar culto, mas para despertar a compaixão e sufragar a alma suja pelo pecado a que a leviandade humana a arrastou.

cruzavam a estrada para Barcelos com o caminho do Pinheiro para o Portelo de Barreiros, com um cemitério de nados mortos. O dito cruzeiro ou padrão assinalava a entrada (e saída...) da vila. E mais nada. O próprio autor, ao fazer a reprodução literal do texto, catorze anos mais tarde, considerou a sua actualidade. Trata-se na verdade de um trabalho de grande erudição, isento daquela ingenuidade de que, por vezes, se acusava, e os artigos do "Idea Nova" saídos três anos antes, ainda revelam.

Sempre imprevisto nas suas revelações, pois guardava ciosamente os frutos colhidos na investigação, reservou ainda para o ano de 48 duas agradáveis surpresas. A nossa historiografia desconhece, totalmente, fenómenos de tensão social ocorridos na Vila durante o período pós constitucional. Eles existiram e perturbaram a vida de algumas famílias, ora pela prisão ou expulsão⁴⁴ dos seus membros, ora pelo homiziamento voluntário⁴⁵ que a si impunham para se libertarem de maiores incómodos. Sendo o meio marcadamente tradicional e afecto ao rei D. Miguel, nem por isso deixaram de florescer as ideias liberais, sobretudo nos espíritos mais jovens, do qual é um bom exemplo "O povoense José Ribeiro Galvão-valente militar e artista de mérito", refugiado em Inglaterra e, como militar, desembarcado no Mindelo com os bravos da causa liberal.

Um dos reparos a fazer a esta fase da historiografia de F. G., é a quase total ausência de informes que eu chamaria oficiais, ou seja, extraídos do Arquivo Municipal, sobre o qual nunca fez uma investigação sistemática. Todavia, a amizade com Fernando Barbosa proporcionou-lhe o manuseio de alguns documentos importantes para o desenvolvimento dos seus estudos, como, por exemplo, o Aviso Régio de 21 de Fev. de 1791, que o informou sobre a actividade de Reinaldo Oudinot na Póvoa de Varzim num período crucial do seu evoluir histórico; e de que nos dá conta no seu trabalho publicado na revista "Brotéria", sobre a epígrafe "Artistas Estrangeiros em Portugal".

O ano de 1949 levou F. G. a Angola e Moçambique, num cruzeiro de férias que no vapor "João Belo" realizou o Orfeão Académico de Coimbra, com fins patrióticos. Foi um tempo de grandes descobertas

⁴⁴ Na Coleção de Listas de Serrão Velozo; Porto, 1833, encontram-se os nomes das pessoas da Póvoa pronunciadas nas devassas miguelistas.

⁴⁵ M. Amorim, *Uma pendencia entre a Madre Abadessa de Santa Clara de Vila do Conde e os comerciantes de salga da Póvoa de Varzim*, in Póvoa de Varzim, Bol. Cultural, Vol. XXIII, 1984, pág. 29.

geográficas e humanas, de alegria e de emoções..." evocaria ele mais tarde. Entre as descobertas humanas ganham vulto as que propositadamente empreendeu nas costas africanas, com as colmeias de pescadores, há anos, por lá dispersas. De tudo nos deu conta nas emocionantes *Cartas do Alto Mar* que, durante três meses e meio, enviou para o "Comércio da Póvoa". No ano seguinte, e já liberto do peso emocional, escreveria para o jornal do Porto "O Diário do Norte" dois belos artigos sobre *Os pescadores poveiros na África*, assunto para o qual fez investigação na imprensa local, dando mais tarde publicação a alguns desses documentos, no Boletim Cultural, Vol. VI, 1967.

A década de 50 a 60 pouco significa para o nosso intento, ou seja a análise da obra historiográfica de F. Gonçalves. Após um longo afastamento da imprensa local, onde aparece esporadicamente em 54, para festejar a presença na Póvoa da Tuna Académica de Coimbra, deixara-se cativar pela poesia e pela crítica literária, sem de todo abandonar a história da arte e a etnografia. Entretanto, aparece na sua terra um Boletim Cultural (1958) editado pela Câmara, segundo a iniciativa do velho amigo F. Barbosa. Leccionava ele em Viana do Castelo, repartindo o tempo pelo ensino e pelas belezas artísticas da Ribeira Lima (nas férias batia, um a um, os monumentos da Espanha), decidido que andava em aprofundar os seus conhecimentos de história da arte e a pesquisa iconográfica. O acontecimento cultural ocorrido na sua terra, entusiasma-o e logo correu a saudá-lo e a fazer-lhe corte na capital, através do "Diário Ilustrado" e a coberto do anonimato. Solicitado para nele colaborar, fê-lo dentro das possibilidades do momento; longe da terra e algo distante dessa área de investigação, restava-lhe lançar a mão de material já usado, enquanto preparava outros voos. Vemos, assim, reeditar-se no nº 2 do primeiro volume, sob o título *Dois inscrições romanas do Museu Municipal*, um trabalho dedicado às aras votivas aparecidas, em 1912, no Alto da Vinha, freguesia de Beiriz, seguindo o texto publicado, em 1949, na Revista de Guimarães. As alterações feitas são irrelevantes, tanto nos cortes como nos acréscimos, e só uma diz respeito à leitura epigráfica do suposto pedestal, de grande dificuldade e que, por isso mesmo, ficou incompleta⁴⁶. Para o segundo volume, mandou dois importantes trabalhos, retomando num deles, um tema de 1947 sobre "O Pelourinho", refundindo com-

⁴⁶ Sobre a inscrição do pedestral que F.G. não conseguiu ler totalmente, ver o estudo de Arquitecto Rogério de Azevedo *A inscrição votiva de Beiriz*, in Póvoa de Varzim, Bol. Cultural, Vol. II, 1959, pág. 201.

pletamente o primeiro texto, muito descritivo e erudito mas falho de objectividade, por carência de conhecimento de algumas fontes locais já impressas⁴⁷ e outras manuscritas. Mais uma vez é Fernando Barbosa quem vai colmatar essas brechas fornecendo-lhe preciosas informações, o que nada retira ao mérito do autor, pois ele mesmo carrou para o estudo muito bom material, dando-nos a conhecer, por exemplo, a existência de um mapa da nossa enseada datado de 1775, o qual faz parte do Arquivo da Comissão de Cartografia do ex-Ministério do Ultramar (planta nº 73), tendo acrescentado uma preciosa nota crítica ao dito mapa. O outro trabalho resultou de uma investigação feita no Arquivo Histórico Militar sobre *A Fortaleza de N.ª S.ª da Conceição*. Este monumento militar ficou descrito, desde a fundação, na "Notícia" de 1758, composta pelo seu 1.º Governador. Mas nem tudo Veiga Leal pôde dizer, uma vez que as obras foram morosíssimas, em especial, a conclusão dos quartéis e paiois, a fortificação do sistema defensivo e as instalações dos oficiais e soldados. Entre 1779 e 1780, sendo Governador Manuel Gomes Rodrigues Afonseca e Andrade, realizaram-se grandes obras, cujas despesas andam arquivadas em caderno próprio, do qual F. G. extraiu os elementos para o seu estudo, que não só limita a esta fase, mas ainda nos descreve as vicissitudes que acompanharam tal unidade militar, sobretudo, a partir das invasões francesas, que vieram demonstrar o fraco préstimo das fortalezas da costa, quase todas mal artilhadas e mal servidas de gente. Até que um relatório militar, feito após cuidada inspecção, em 1850, concluiu pelo seu nulo interesse bélico, pois não servia para defender a Vila por se achar rodeado de casas, nem a enseada, pelo fraco alcance de tiro que proporciona. Após esta condenação à morte, seguiu-se a degradação e a ruína de que nos falam historiadores do final de oitocentos.

Aceitando, em 1964, o cargo de Director do Boletim Cultural, não só assumia perante a comunidade poveira a responsabilidade de "...algo significativo na consciência e prestígio da terra" como também a privação de justo e necessário descanso para um físico já perturbado por crises de ordem neurológica. Para ele só contava o trabalho e, a partir daquele momento, jamais o Boletim Cultural deixou de marcar um tempo próprio, no seu apertado e fadigoso horário quotidiano.

Só assim se compreende como foi possível o reaparecimento da revista no verão daquele ano e manter uma regularidade pendular

⁴⁷ Manuel Silva, *Velharias — O Pelourinho* in "Comércio da Póvoa de Varzim", 17/7 e 22/9, 930.

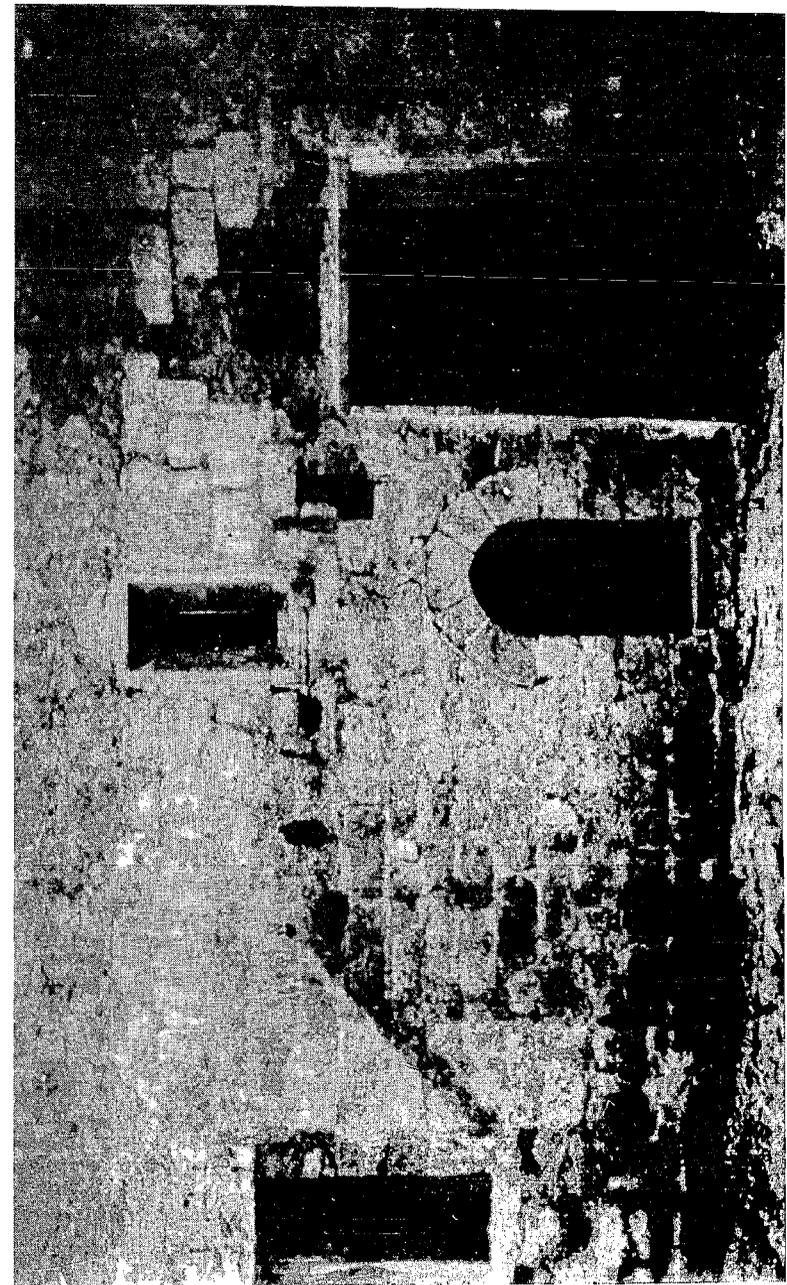
durante vinte e um anos, cortada em 1985 por uma violenta investida da traçoira doença que o minava, deixando-o praticamente impossibilitado de trabalhar. Ainda dirigiu pessoalmente a edição de 86, mas já não o pôde fazer com a do ano seguinte, para a qual, entretanto, deixara na tipografia, ou em mão, grande parte do material.

Para o primeiro volume da sua direcção, a ressentir-se de um tardio renascimento⁴⁸, enviou seis textos e uma nota erudita ao opúsculo de Rocha Peixoto⁴⁹ com os documentos omissos nas "Póvoas Marítimas" de A. Sampaio. Sem pretender tirar mérito aos demais, vamos destacar um de grande valor e no qual F.G. se afirma, verdadeiramente, como historiador poveiro. Não se trata de um tema novo, pois já em 1947 se debruçou com algum desenvolvimento sobre ele, mas de interesse capital e isso justifica a forma como o retomou em "Um templo desaparecido: a antiga Igreja Matriz (depois igreja da Misericórdia)". Na verdade, a velha matriz da Mata, demolida ingloriamente em 1910, acompanhou grande parte da vida religiosa da Vila e muito da sua vida cívica, desde tempos imemoriais, ou seja, mesmo antes de ter sido estabelecida na capela romano-gótica a sede da vigararia de N^a S^a de Varzim, criada na primeira metade do séc. XVI ou, talvez, nos finais do anterior. Sobretudo, a partir deste momento, começam a documentar-se as sucessivas obras de ampliação, até ser absorvida por uma nova estrutura na última vintena de seiscentos. Documentação escassa e confusa, só foi possível reconstituir a história do templo, pelas narrações setecentistas, pelas fotografias da data da demolição e pelo material arquitectónico recolhido no Museu após aquele evento. Conjugando estes elementos, apurados e limpos através de uma investigação profunda, aos quais emprestou o seu muito saber em história de arte e iconografia religiosa, deixou-nos F.G. um trabalho de alto mérito e indispensável para a reconstituição do nosso passado histórico. O exame do portal mediévico siglado descoberto em 1910 e outros elementos dispersos, como cachorros esculpidos e a pedra, referida por Veiga Leal, onde estava gravada a figura de uma cobra⁵⁰ permitiu situar no tempo a primitiva capela, atribuindo-a ao séc. XIII, o que perfeitamente se coaduna com o repovoamento da Vila Velha, dos

⁴⁸ O Boletim Cultural "Póvoa de Varzim" esteve suspenso entre 1959 e 1964.

⁴⁹ Ver nota 13.

⁵⁰ Notícia da Villa da Póvoa de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758" inserta no artigo de F. Barbosa *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII* in "Póvoa de Varzim", Bol. Cult. Vol. I, pág. 320.



A parede medieval, descoberta em 1910 ao demolir-se a antiga igreja da Misericórdia, que permitiu a F. C. o estudo da cronologia da 1^a Matriz da Póvoa.

antigos casais do Senhor de Cunha, ora nas mãos dos cavaleiros do Hospital que os possuíam como honra, e de Ordens religiosas, os quais desfrutavam as melhores terras de Varzim e reivindicavam direitos, em nome dos antigos senhorios, sobre o porto de mar e seu maneio⁵¹. O pequeno templo, que a tradição associa ao culto de S. Tiago, servia de apoio à vida religiosa deste punhado de gente, tão distante ele se encontrava da paroquial de Argivai quando ainda a “Poboa Noua de Varzim” não existia. Nem tem cabimento a hipótese de A. Sampaio, citada por F.G., de ela ter nascido na Vila Velha, pelo facto de se situar ali a capela. Como refere a carta de D. Dinis é sobre a terra reguenga de Varzim de Jusão que se há-de fazer “... hũa pobra...” e não em terra de senhorios particulares a qual, aliás, se situava a susão daquela.

Outro capítulo importante deste trabalho, diz respeito ao exame iconográfico das imagens pertencentes ao templo desaparecido, em especial, às mais antigas: N^a S^a de Varzim, S. Tiago Maior e S. Telmo. Quanto à primeira imagem, “da época do gótico, e talvez do século XIII” que a ignorância humana seveiciou até ao extremo, e apesar de reconhecer a dificuldade em descobrir-lhe o aspecto inicial, debruçou-se tão atentamente sobre ela que não só conseguiu definir-lhe o estilo como dissecar um por um os atropelos padecidos através dos tempos. Menos seguro se mostrou ao tratar do culto de N^a S^a de Varzim, devoção que a historiografia local apresenta envolta numa suposta lenda que, afinal, não passa da cobertura artificiosa dada a um facto comprovadamente histórico: a criação da vigararia de Santa Maria de Varzim. A Câmara da Póvoa contratou com o cabido de Braga, padroeiro da Igreja de Argivai, o estabelecimento da nova entidade religiosa, alegando o aumento da população da Vila e a distância da matriz de Argivai. Para sede foi destinada a capela da Mata, a única da Vila ou, pelo menos, a única fabricada pelo povo ou seja do domínio público⁵², onde se venerava fervorosamente N^a S^a de Varzim, a qual logo foi tomada como titular da Vigararia, denominada de Santa Maria de Varzim. Simplesmente, a capela servia mal a população da vila, agora concentrada num núcleo urbano desenvolvido ao longo das estradas para Argivai e Vila do Conde e, em cuja intercepção, se vai estabelecer a

⁵¹ M. Amorim, *A Póvoa Antiga*, 1985, pág. 32.

⁵² A capela da Madre de Deus, construída por João Gomes Gaio, entre 1520 e 1530, se já existisse à data da criação da Vigararia de Santa Maria de Varzim, o que me parece de todo improvável, não podia ser escolhida para sede da dita vigararia, por ser do domínio particular e a isso se oporem as leis da Igreja.

Praça da Vila. Próximo, construíram os fidalgos Gaio uma capela dedicada à Madre de Deus, a qual em 1544, a autoridade eclesiástica escolheu para ter o sacrário com o S. Sacramento, já que a matriz se situava em lugar ermo e pouco seguro. Não tão ermo, como os noticiários de setecentos fazem crer, mas realmente inseguro, por as justiças de Barcelos o considerarem dentro do seu termo e não permitirem aí a intervenção das justiças da Póvoa⁵³, situação geradora de muitos conflitos agravados na 2^a metade do século XVII. A insegurança atingia, igualmente, a veneranda imagem de N^a S^a de Varzim e os moradores da Póvoa tentaram trazê-la para o seu meio, fixando-a na capela da Madre de Deus. Sem êxito, porém, pois a tal se opunham o Senado Municipal que, além do compromisso estabelecido com o Cabido de Braga, defendia direitos territoriais que incluíam a área da igreja; os moradores da Vila Velha, que sendo de fora do termo se consideravam mais ligados à capela que os da Póvoa; e naturalmente, o vigário da Vila, quando mais não fosse, por cómoda anuência à política oficial. Ora F. G. relacionou as furtivas fugas da imagem de N^a Senhora de Varzim com um possível acaso de séculos no seu culto, o qual só reapareceria no período da Contra-Reforma, quando entra em declínio o culto de S. Tiago Maior. Prova-se documentalmente que, pelo menos, desde a primeira metade do século XVI, o culto de N^a S^a de Varzim não sofreu a menor quebra, o que só iria acontecer após o título da Igreja ser dado à Imaculada Conceição, acabando a Senhora de Varzim por ser transformada em Senhora do Rosário.

A colaboração de F. G. para o Boletim Cultural, tão auspiciosamente encetada, vai ter outro momento excepcional, com o Centenário do Nascimento de Rocha Peixoto. Como ele confessa, a admiração pelo cientista seu conterrâneo nasceu quando frequentava o Liceu da Póvoa e, aí pelos 5^o e 6^o anos, tomou contacto com a revista “Portugália”, onde R. Peixoto, além de responsabilidades directivas, publicava os seus estudos e recolhas etnográficas. A referida efeméride ocorrera em 1966 e, no verão do ano anterior, inicia uma campanha de sensibilização deveras notável, tanto mais que o tempo reduzira a meia dúzia de eruditos a memória de “... uma das figuras marcantes da vida cultural portuguesa na transição do século XIX para o nosso século”. Editava, por essa altura, o diário “O Comércio do Porto” um suplemento de-

⁵³ A Câmara da Póvoa sempre se considerou “fabriqueira” da matriz da Mata e, como tal, mandou colocar um “assento de espalda” em 1610, destinado ao Senado Municipal. Reagiu a Câmara de Barcelos, protestando junto do Arcebispo que mandou o Visitador capitular a retirada do cadeiral ou proibir o uso dele pelas justiças da Póvoa.

nominado "Cultura e Arte" para o qual mandava, regularmente, colaboração sobre temas de história de arte. Foi esse o lugar escolhido para apresentar, em seis longos e bem documentados artigos, a riqueza humana e científica do homenageado, ao mesmo tempo que, na sua terra, desencadeava junto das entidades oficiais, as primeiras diligências em ordem à celebração de comemorações cívicas e culturais de projecção nacional. O texto dos artigos do "Comércio do Porto", depois de refundido e ampliado, saiu no Boletim Cultural sob a epígrafe *Rocha Peixoto. Nas vésperas do Centenário do seu nascimento*. Trata-se de um estudo bio-bibliográfico de grande valor e de difícil elaboração, não só pela multimoda actividade de R. Peixoto, como pelo carácter exaustivo dado à investigação sobre a temática por ele desenvolvida. É uma boa amostra, mais do que pretenciosa erudição, dos vastos conhecimentos de F. G. na área da etnologia, ciência à qual dedicara alguns interessantes escritos.

Para o conhecimento de Rocha Peixoto; da vida cultural da época, em especial na cidade do Porto; da actividade científica nos estabelecimentos de ensino e do evoluir da ciência etnológica, é indispensável a leitura do referido trabalho.

Fala-nos dos movimentos culturais em que R. Peixoto participou activamente, como a Sociedade Carlos Ribeiro (1887-1898) e, depois, a "Portugália" (1899-1908), que desapareceu com a sua morte; do meritório trabalho realizado como director da Biblioteca Pública do Porto e da paixão com que idealizou e preparou a reestruturação do Museu Municipal daquela cidade, em moldes modernos e com finalidade pedagógica.

Uma substancial parte da bio-bibliografia dedica-a F. G. às relações do cientista com a sua terra natal. Já referimos a influência exercida por R. Peixoto na vida cultural da Póvoa no dobrar do século, mas o estudo de F. G. desce ao mais ínfimo pormenor, desde as referências científicas a este ou àquele objecto de interesse arqueológico, ergológico ou histórico, passando pelo registo dos usos e costumes da classe piscatória, até às intervenções que lhe eram solicitadas pelos gestores públicos. Tudo ali ficou dissecado e profusamente documentado nas citações da imprensa diária ou dos semanários locais. Especial atenção mereceu a intervenção jornalística, em 1894, contra os vapores de arrasto que arruinavam o pescador de batel, atingindo, de uma forma particular, a pobre gente da sua terra. Atitude bairrista, de circunstância, que embora não impedisse a difusão daquela arte de pesca, veio ajudar a regulamentá-la, permitindo uma coexistência que os tempos demonstraram ser precária.

As comemorações centenárias às quais deu uma colaboração laboriosa e de grande nível cultural (recorde-se a exposição biobibliográfica e a edição das "Obras Completas"), ainda lhe mereceram um longo registo em "Para a história das comemorações do I centenário do nascimento de Rocha Peixoto" (1968), espécie de arquivo documental sobre a sua participação no evento. Assim como elaborou o catálogo da exposição atrás referida, que fez publicar no volume de 1967. O ciclo de estudos dedicados a Rocha Peixoto encerrou-se com mais dois trabalhos para o Boletim Cultural: *A Questão Académica* provocada em 1889 por R. Peixoto, em que insere alguns folhetos académicos plenos de humor e acrimónia, saídos no volume de 1969 e *Bibliografia de Rocha Peixoto*, em complemento ao referido catálogo da exposição comemorativa e organizada após a publicação do III volume das Obras Completas (1975); saiu no volume de 1976.

Na década de 70-80, assoberbado que andava com a recolha de inéditos para as Obras Completas, pouco produziu para o Boletim Cultural. Além da citada "Bibliografia", deu à estampa, em 1973, *A carta de couto concedida por D. Afonso Henriques à freguesia da Estela (Póvoa de Varzim)*, antecedida de um erudito prólogo e ilustrada com uma reprodução fotográfica do diploma. Na tradução, que não é da sua responsabilidade, passaram algumas incorrecções na leitura de topónimos ainda vigentes na freguesia⁵⁴. Alguns anos depois, a propósito de uma efeméride local, publicou uma curiosa evocação da sua vida e da sua actividade cultural, em *Recordações a propósito dos setenta e cinco anos de "O Comércio da Póvoa de Varzim"* (1978), que se me afigura importante para a história social da época.

Os últimos anos em que dirigiu o Boletim Cultural constituíram uma penosa caminhada, pois a doença teimava em destruir o seu abalado sistema nervoso. Por isso, a sua colaboração limitou-se a dois títulos de circunstância: um, dedicado a Santos Graça, como prefácio ao número especial (2º de 1982) comemorativo do centenário do nascimento daquele grande poveiro; o outro, celebrando os vinte anos como director da revista municipal (1984), em que evoca as múltiplas tribulações da função, a alegria de servir a sua terra com absoluto desinter-

⁵⁴ É o caso de "Aquam Rugi" traduzido por - água do Ribiero - quando se trata de um topónimo registado no tomo de Laundos (1548) "... por o marco dauga ruja" e o tomo da Estela de 1718 diz que o limite daquela Igreja com a de Laundos começa no marco das Pias a que o tomo de Laundos chama de "Agoa Ruje". Também se traduziu - "Frixu" por - Freixo - quando o topónimo é - Frijó - ou Frinjo.

esse material e, por fim, alvitra sobre o futuro da revista, cuja sobrevivência lhe parece possível mas difícil.

A lição de F.G. historiador da Póvoa de Varzim, deve extrair-se da sua formação de homem de ciência que metodiza com rigor o seu trabalho, lhe imprime toda a seriedade, quer na pesquisa quer no mancio das fontes e vive, incessantemente, pela busca da verdade. Além disso, como director do Boletim Cultural, fez da sua missão um apostolado, apelando sem desfalecimento junto de conterrâneos e amigos para o estudo da sua terra.

Com a sua morte, perdeu a cultura portuguesa um vulto respeitável e a nossa terra um servidor vigilante e cioso de uma tradição cultural que ele soube elevar e prestigiar como "primus inter pares".